

## I

Um tribunal não é uma casa, pelo menos no sentido habitual que damos à palavra «casa». Não moramos lá, não podemos antepor-lhe a palavra «nossa». É só um lugar, uma caixa onde entram e de onde saem muitas pessoas, mas afinal uma caixa de ressonância muito diferente para uns e para outros. Para uns significa sobretudo trabalho, burocracia e tédio. Para outros é sinónimo de desconhecido, perigo e medo.

Amália não queria fazer parte nem de uns nem de outros. Mas Amália é juíza. E isso torna-a logo, mesmo a um primeiro olhar, mais próxima de uns do que de outros. Por mais que o não queira, o traje preto e solene tem o seu peso, o peso muito pesado daquilo que deve ser. O dever ser que se quer impor ao ser. O preto que Amália veste talvez acabe por se lhe colar à pele e talvez acabe por se sobrepor, apagando-as, às cores garridas ou esbatidas dos homens e das mulheres preocupados que se vão sentando na sua sala de audiências. Ou talvez não.

A cor daquele dia é sobretudo o cinzento, chovem gotas gordas que molham e tornam escorregadias as folhas castanhas que atapetam a praça, e se olharmos bem à nossa volta podemos concluir que há de facto muito mais cinza e bege no horizonte do que preto ou branco. Amália sacode o guarda-chuva e entra. Sente a humidade e o odor de muitos corpos aprisionados num átrio amplo que parece estreito e pensa que não é por acaso que tribunal rima com hospital. Lugares por onde as pessoas passam com a esperança

de resolverem problemas. Lugares onde às vezes as pessoas descobrem novos problemas. Lugares onde o coração bate mais depressa e a garganta se aperta, onde se sente a humidade e se cheira a transpiração dos outros. Lugares onde se sofre e onde se sente a espessura do medo nos corredores compridos e brancos. Lugares onde, de quando em quando, muito de quando em quando, vibra a energia de quem crê por momentos que está a ganhar à vida. Lugares onde trabalham pessoas que sobrevivem à custa dos problemas de outras pessoas. Pessoas que às vezes já nem se lembram de que é com isso que estão a lidar, outras pessoas, porque já só conseguem ver folhas de papel, notas de cinquenta euros ou, cada vez mais, páginas de processos em écrans de computadores.

Tanto nos tribunais como nos hospitais há uma fronteira, invisível mas nem por isso menos presente, sempre muito nítida, que separa os possuidores de respostas, aqueles que sabem os segredos, daqueles que nada sabem e anseiam por respostas — respostas a perguntas que com frequência se lhes prendem nas gargantas, engasgando-os, perguntas que nunca fazem porque acham que é um atrevimento ou porque lá bem no fundo estão apavorados com o possível sentido da resposta. Profissionais e leigos. Empoderados e desapossados.

Amália veste a sua beca e entra na sala. Todos os dias fala com pessoas que lhe são desconhecidas, procurando vê-las e escutá-las, sempre com receio do dia em que já não as verá ou escutará verdadeiramente, na sua multiplicidade, especificidade, diversidade. Amália atrasa todos os dias a chegada do dia em que todos lhe parecerão iguais. Hoje ainda não é esse dia.

Manuel e Adelaide, os colegas que serão seus asas no julgamento de quatro pessoas acusadas de um crime de roubo, também já estão na sala. Amália precisa de olhar para baixo, para o banco onde se sentam os arguidos, para perscrutar os quatro rostos fechados. É, por seu turno, observada pelos quatro, com um misto de curiosidade e expectativa, mas sobretudo antecipado desencanto.

Os três homens são surpreendentemente parecidos. São homens que alguém enfiou à pressa em fatos baratos que tolhem como armaduras os braços com músculos esticados em ginásios. Peles tismadas, cabelos muito curtos, mãos grandes e olhares endurecidos. A mulher distingue-se. Há nela duas mulheres: a mulher que poderia ter sido, alegre, enganadoramente loira, voluptuosa e generosa; a mulher que é, precocemente envelhecida, dentes enegrecidos sob uns lábios teimosos que persistem em ser rubros, escondida dentro de um vestido que lhe disseram que era sóbrio, discreto, mas que nela faz pensar em desfiles de carnaval e ruas sujas de copos e garrafas partidas. A pecadora disfarçada de secretária.

Os quatro arguidos, mais encolhidos do que sentados na primeira fila, são informados dos factos que a acusação lhes imputa e perguntados sobre se querem dizer algo sobre esses factos. Não querem. Nenhum quer. Tinham-lhes explicado que podiam invocar um «direito ao silêncio». Que quanto menos dissessem melhor seria para todos. A única coisa que querem é que tudo acabe o mais depressa possível, desde que no fim possam regressar a casa. Porque no fundo é isso que ali está em jogo. A possibilidade de voltar para casa. E «casa» é aqui um quase sinónimo de «vida», mais feita de ar e espaço do que de paredes. O que mais receiam hoje são precisamente paredes. As quatro paredes de uma cela. Aquilo por que os quatro mais anseiam é uma casa sem muros, sem portas fechadas, construída de nuvens, ar e vento no rosto.

Por momentos, lá fora, as nuvens afastam-se, a chuva interrompe-se e uma luz optimista e forte atravessa as janelas daquele tribunal. Levantam-se algumas cabeças, a manhã parece mais bonita, ressurgem os ruídos e os movimentos da vida lá fora. Mas é sol de pouca dura. A realidade daquele julgamento volta a reclamar-nos.

O Procurador da República, esguio e também imponente nos seus trajes escuros, tem uma opinião muito clara. Não lhe sobram dúvidas. Os factos elencados na acusação apresentada pelo

Ministério Público são graves. Há uma prisão algures que de repente se mexe, fica mais próxima, eis que está quase ao virar da esquina. E não, a história não é bonita. É uma história que, assim contada, parece desde o princípio pouco coerente com finais felizes.

Andreia, a mulher, trabalhava como alternadeira. Entre copos de *whisky* barato vendido como se fosse caro, numa pista mal iluminada onde soava uma música lenta, dançava e ia conversando com António, cada dia mais insatisfeito com a brevidade daqueles seus contactos. António queria conhecê-la melhor, dizia. Ambos sabiam do que se tratava. Queria conhecê-la melhor, de preferência num motel onde o preço da hora não fosse excessivo, com uma cama grande e um espelho próximo. Não era perspectiva que entusiasmasse particularmente Andreia, diga-se. Mas também não era imagem que lhe causasse especial repulsa ou transtorno. Aprendera há muitos anos que o corpo que tinha era só isso, um corpo que na adolescência lhe causara sofrimento e dor mas que depois lhe começara a trazer algumas vantagens. Não alegrias. Muito menos a felicidade. Mas um corpo que de vez em quando lhe era útil. No fim, ficava tudo na mesma. Sem história.

António tinha, porém, uma particularidade — não uma originalidade naquele que era o mundo de Andreia, note-se, mas sempre uma particularidade. Tinha dinheiro. Pelo menos mais dinheiro do que a maioria dos outros homens com quem dançava na pista escura. Era gerente de uma empresa de construção civil que o pai criara há cinquenta anos e com a qual tivera muitos lucros no tempo em que os terrenos baratos saíam da terra como se fossem cogumelos para depois serem vendidos ao preço da trufa. O pai de António fora uma espécie de garimpeiro. Ou talvez não, que é difícil imaginá-lo, conservador, hipócrita e gordo, no papel das formigas das fotografias de Sebastião Salgado, que trepam montanhas sem que cada um tenha nome ou idade, sem rosto, em fileiras longas e sinuosas de quase-pessoas que sabem sempre que da perícia de cada um depende a vida dos outros. Se um cai, caem os outros. Ou talvez nem exista cada um. Talvez aquilo que

existe nas fotografias de Sebastião Salgado seja apenas um único ser vivo gigantesco, trepador, vibrante, sinuoso. O pai de António era sinuoso, sim, mas trabalhou sempre sozinho. Nunca confiou em ninguém, ajudou alguém ou empurrou para cima fosse quem fosse. Era mais conhecido por poupar dinheiro nos capacetes dos seus operários ou nas vigas de segurança para os andaimes. Não, o pai de António não fora um garimpeiro. Estava mais para caçador, porventura. Feroz, de qualquer modo. Eficaz.

A ferocidade e a eficácia, associadas a uma escassa vocação para a honestidade, fizeram-no ganhar muito dinheiro. É certo que desse dinheiro que acumulou não sobrara muito, mas o que sobrara parecia muito a Andreia. António e os irmãos, menos feroces e eficazes do que o pai, desaproveitaram a oportunidade de usarem a escola como elevador social porque achavam que a fortuna amealhada pelo mais velho era suficiente para os dispensar de subirem escadas ou sequer entrarem em elevadores. E gastaram, gastaram, gastaram. Ou redistribuíram, infelizmente menos por mulheres como Andreia — que os mantinham entretidos e distraídos dos seus fracassos — e mais pelos homens que as exploravam.

Tinham sobrado, porém, algumas coisas. António ainda usava um relógio de ouro e conduzia um *Audi*, que a Andreia só não lembrava mais uma banheira porque não era branco.

Cerca de um ano antes deste dia em que agora se reencontram numa sala de audiências de um tribunal, Andreia teve uma conversa (uma conversa que vale a pena ser lembrada) com Rui, Bruno e Alcides — que partilhavam a circunstância de se dedicarem a biscates nem sempre legais, como a vigilância, disciplina e transporte das mulheres que trabalhavam com Andreia, além de lhes assegurarem o fornecimento das drogas adequadas a garantirem o entusiasmo estridente tão apreciado pelos clientes do Escarlate e das outras casas de alterne por onde iam passando.

Enquanto bebericava uma cerveja, Andreia comentou, irónica, a obsessão de António, que insistia cada vez com mais frequência num encontro a sós:

«O gajo não me larga.» O assunto suscitou aos outros, para surpresa da mulher, mais interesse do que teria imaginado.

«Esse é o tipo do *Audi* cinzento?», perguntou Alcides.

Os restantes fizeram mais perguntas. Se costumava trazer consigo alguma arma («sentiste-lhe alguma coisa no casaco ou nas calças quando te agarrava?»). Se era casado («não eram todos?») e se tinha necessidade de ocultar os seus encontros com Andreia («quem tem segredos fica sempre em pior posição para partilhar as desgraças que lhe acontecem, essa é que é essa»).

A mulher só compreendeu o propósito de tantas interrogações quando Rui, falando por todos, lhe fez uma proposta:

«A tua parte é fácil, dizes ao gajo que queres estar com ele e dizes-lhe para te levar de carro para um sítio deserto; nós arranjamos quem vá lá pregar-lhe um susto e tirar-lhe o carro, o relógio, o que tiver.»

O plano pareceu lucrativo a Andreia, apesar de não destituído de riscos. Alcides tinha uns contactos no estrangeiro, vendiam o carro sem dificuldades e dividiam o dinheiro. Tudo a dividir por quatro.

Andreia titubeou. Pensou dizer que não. Pareceu-lhe perigoso e compreendeu mal o que significava aquele «mínimo de porrada necessário» a que os encapuçados contratados para o efeito poderiam ter de recorrer.

Mas depois fechou os olhos e pensou no resto. Imaginou coçaína em filas de geometria impecável. Viu um hotelzinho no litoral de onde sairia descalça para a areia fina e branca para de seguida mergulhar no azul transparente do mar morno. Lembrou-se do vestido verde-esmeralda que estava na montra daquela loja da avenida cara, a loja onde nunca entrara por antever a educação gelada e o discreto olhar crítico de uma funcionária alta, magra e elegante.

Mudou de ideias:

«Vamos a isso, contem comigo», disse a Rui, Bruno e Alcides. E assim foi. Tudo correria como planeado, excepto quanto a duas questões que inicialmente pareciam de pormenor. António reagira

e por isso o mínimo de violência necessária acabara por ser mais do que o previsto. As marcas com que ficara e a necessidade de internamento hospitalar tornaram difícil guardar segredo sobre o acontecido. António teve de contar algumas coisas à mulher e, depois disso, contar tudo à polícia parecera-lhe de repente fácil.

Agora estão todos aqui. António também. E foi precisamente depois de António ter prestado as suas declarações, apontando para ela e dizendo «foi aquela que me levou para o pinhal e que ficou a ver enquanto os outros com as caras tapadas me espancavam; depois fugiram todos no meu carro e deixaram-me ali», que Andreia voltou a mudar de ideias. Também desta vez fechou os olhos. Mas já não imaginou a cocaína branca, o mar azul, o vestido verde e vaporoso. O que viu foi uma cela estreita e vazia. Escura, muito escura.

Enquanto António falava e Andreia fechava os olhos com força, o tempo pareceu suspender-se na sala de audiências. Como se fosse possível todos sobreviverem sem nunca mais respirarem. Por momentos foi nisso que se quis acreditar. Mas não, claro, não podia ser. E tudo voltou de súbito a mover-se quando a mulher loira de lábios pintados levantou a cabeça e disse que queria falar.

Andreia contou muitas coisas, durante muito tempo. Disse que tinha sido apenas, como sempre, um instrumento nas mãos dos homens. Desta vez nas mãos de Rui, de Bruno e de Alcides. Que a ideia de roubar António tinha sido apenas deles. Que só fora usada como isco, sem nunca imaginar tudo o que iria acontecer depois, o nariz partido, o sangue, os gritos. Contou que nascera pobre, fora pouco à escola e continuava pobre. A mãe, que preferira manter o marido a defender a filha, escolheu a versão em que quis acreditar e essa não foi a versão de Andreia, por isso deu consigo na rua aos quinze anos. Um vizinho mais velho acolheu-a, mas percebeu depressa que não por mera generosidade. Começou cedo a consumir drogas, trabalhou em muitos sítios como aquele, compreendeu agora que está a envelhecer. Quer tratar-se. Quer mudar de vida.

Amália ouve-a atentamente, na sua máquina do tempo. Porque numa sala de audiências de um tribunal, num julgamento penal, viaja-se muito no tempo. Há o antes, o agora e o depois. O antes em que o crime aconteceu, o agora em que é preciso decidir, o futuro que é imprevisível mas que o juiz precisa de encaminhar no sentido da paz e da segurança. Há que rumar ao passado, quase com cuidado de historiador, para descobrir o que sucedeu. Quem fez o quê? Quem tem culpa? Quanta culpa, afinal? Reconstrói-se, no presente, o passado. E há que decidir neste presente que temos o que fazer no futuro próximo («pena de prisão ou não?»), crendo que tal decisão pode condicionar no sentido desejado um futuro mais longínquo. Esse futuro longínquo que é afinal o resto da vida de Andreia e dos outros. *Demasiados segmentos temporais*, pensa Amália. Demasiadas piruetas no tempo. Algumas coisas desvendadas mas demasiadas coisas indemonstradas.

Sente-se uma viajante no tempo, Amália. Está cansada. Sobretudo cansada de viver tanto no tempo dos outros, enquanto o tempo da sua própria vida teima em fugir-lhe. Amália olha para Andreia, uma mulher quase da sua idade, que vive na sua cidade e no seu país. Podiam ser parecidas, mas não têm nada em comum. Pelo menos nada que Amália consiga ver.

E de súbito, porventura com alguma crueldade e com pouca justiça, Amália pensa que, apesar de todos os pesares, Andreia sempre está a viver, com intensidade, a vida que é a dela. Já Amália, pensa a própria, talvez tenha caído na armadilha mais comum a quem toma decisões sobre as vidas alheias. Usa as suas circunstâncias como pretexto para fugir à tarefa de eleger os rumos que quer dar à sua vida. E a única verdade — a única — que naquele momento, naquela sala de audiências, consegue antever é esta: não faz nenhuma ideia daquilo que realmente quer. São sempre mais fáceis, as verdades dos outros. Apesar de serem com frequência várias e tão diversas.

## II

Alguns dias passados, Amália conduz de regresso a casa o seu automóvel pequeno e a noite que já vai densa dificulta-lhe menos a tarefa do que a cortina de lágrimas que o limpa-pára-brisas, que espanta as persistentes gotas de chuva que caem lá fora, não consegue afastar.

A sorte da outra mulher, Andreia, ficara definida pouco antes — para quem não acredita que o seu destino se lhe impusera logo que nascera, e Amália não acredita, por dever de ofício e porque aprendera com Corto Maltese que podemos traçar na mão, ainda que à navalhada, as linhas da nossa vida. Pena de prisão, entendera o colectivo de juízes. Para todos. Para Andreia e para os homens, ainda que uma pena mais curta para a primeira.

Amália tivera dúvidas. Parecera-lha sobretudo irrazoável aplicar a todos penas tão severas quando a prova era tão frágil.

*Pano curto para tão grande casaca*, pensara. E tinha acrescentado:

«O ofendido, António, só disse que foi Andreia que o levou até ao descampado, não identificou os outros.»

E havia outra questão que para a juíza se avolumava:

«Serão as palavras de Andreia credíveis, quando responsabilizou os amigos — ou ex-amigos — que se sentaram com ela naquele banco do tribunal? Ou fê-lo porque tinha tanto medo da cela que lhe ocupava os olhos e o espírito que faria tudo o que fosse preciso para se livrar dela? Terá acreditado que atirar para outros as culpas que eram (ou não) dela lhe garantiria a liberdade

almejada? Teria Andreia dito o que disse se soubesse que nem isso a livraria de uma estadia no estabelecimento prisional de Tires?»

Os dois colegas de Amália não partilhavam das suas inquietações. Sobretudo Adelaide, muito certa de todas as suas certezas, como era hábito. Com o seu «sinceramente, acho que», que usa como bengala sempre que lhe falham os argumentos para ancorar as suas opiniões. Como se fosse de sinceridade que ali se tratava. Ou como se a sinceridade pudesse ser apanágio de quem, quando contrariada de modo incontestável, logo fazia seus os argumentos alheios: «como eu tinha dito...». Mas daquela vez Adelaide não precisara de se conformar com a opinião contrária. Manuel concordara com ela, Amália perdera. Ou, com mais precisão, Andreia perdera.

Amália aproxima-se do parque de estacionamento, mas não quer entrar sozinha na sua casa vazia. Nem consegue lembrar-se de algo que verdadeiramente queira, o que parece pior. Por isso, pela milionésima vez nos últimos mais de quinze anos, pega no telefone e marca o número de Madalena, a amiga com quem durante os anos de faculdade partilhou o quarto, o casaco de veludo encarnado, a falta de fôlego na subida das escadas Monumentais, as filas na cantina, o corredor que é a antecâmara das salas nos longos dias de provas orais, os segredos e as gargalhadas.

Madalena vive agora longe, no Porto, uma vida muito diferente da vida de Amália. Numa casa onde há sempre flores frescas nas jarras, barulho de crianças na sala e um rochedo chamado João na cama. O telefone continua a tocar sem que a amiga atenda. Mas Amália sabe que a ouvirá em breve.

Aprendera cedo e da forma mais difícil o sentido da palavra solidão, a amiga de Amália. E isso fê-la compreender também cedo a importância que as pessoas, algumas pessoas, poucas pessoas, viriam necessariamente a ter na sua vida. Crescera numa casa onde havia uma biblioteca, um salão de baile, um jardineiro, vários quartos reservados às empregadas e onde o pai, muito

velho, folheava livros enquanto pensava em formas de lhe garantir segurança num futuro do qual sabia que já não faria parte. Tinha razões para se preocupar, o pai de Madalena.

O nascimento da filha mais nova fora um escândalo não só por a progenitora ser uma das enfermeiras contratadas pela família para cuidar do idoso senhor, mas também porque já tinha netos que faziam de Madalena a tia de sobrinhos muito mais velhos do que ela própria. Nunca os conheceu. A casa grande permaneceu cheia de livros, louças da Vista Alegre e pratos inglesas, mas vazia de pessoas a quem se não pagasse um salário no fim do mês.

Madalena viveu até aos doze anos com um pai que se esforçava por continuar a ser quem era e com uma mãe que se esforçava sempre por ser quem não era. Nenhum conseguiu. O pai morreu, inteligente, inquieto e pessimista como sempre fora. A mãe esqueceu-se de viver, sempre mais preocupada em corresponder àquelas que achava que eram as expectativas alheias, sem compreender que isso era impossível porque aquilo que os outros realmente esperavam era apenas que os deixasse desprezá-la. Não compreendeu que nunca a aceitariam, por mais caridosa que fosse na sua caridade, por mais belas que fossem as rosas com que enfeitava o altar da capela da família, por mais pequenos e perfeitos que fossem os pontos dos seus bordados. Esqueceu-se de ser quem era procurando ser quem achava que os outros queriam que fosse. E por isso esqueceu-se também, naturalmente, da filha.

Esta tinha irmãos que nunca se referiam a ela — a não ser quando, no advogado, davam conta da necessidade de se proteger o património da família, evitando que caísse nas mãos da meia-irmã usurpadora —, sobrinhos que desconheciam a sua existência e uma mãe simultaneamente ausente e muito presente que, no que lhe dizia respeito, estava decidida a que a filha aprendesse a caminhar direita e que para isso a obrigava a desfilar pela casa sem deixar cair os livros pousados na cabeça, se tornasse uma virtuosa do piano por mais que não conseguisse distinguir

um dó de um ré, falasse pouco e baixo por mais que lhe apetecesse gritar, ficasse amiga dos filhos da elite da cidade por mais que só os filhos dos empregados lhe dirigissem a palavra.

Quando o pai de Madalena morreu, a mãe ainda tentou durante algum tempo corresponder àquela imagem sagrada, a imagem que achava que os outros tinham dela — errando rotundamente, note-se, sobre que imagem seria essa, porque como com frequência sucede os outros viam-na de maneira muito diversa daquela como se via a si própria, e conforme quase sempre também sucede, com muito menos benevolência. Depois desistiu, finalmente, e pouco antes de fazer quinze anos — a rapariga teria preferido que se pudesse dizer «pouco antes de *celebrar* quinze anos», mas estar-se-ia a faltar à verdade — Madalena acompanhou a mãe à Conservatória do Registo Civil para testemunhar o casamento desta com o senhor Belmiro, o namorado pobre da primeira juventude, aquele com quem muitos achavam que Madalena guardava grandes parecenças. As mesmas sobrancelhas finas e arqueadas, o mesmo nariz arrebitado, o queixo pequeno, as olheiras fundas, o cabelo muito liso. A comemoração foi discreta, além da filha da noiva só compareceram as idosas irmãs do noivo, vindas de Trás-os-Montes.

Ficou feliz, Madalena, quando fechou a porta pesada da casa grande, trancou o passado a sete chaves e rumou a Coimbra para inaugurar o futuro.

Aquilo de que mais gostou quando chegou à cidade foi o anonimato. Ninguém a conhecia, ninguém conhecia a sua história ou a história da sua família, não havia nem olhares de pena nem de inveja. Conheceu Amália quando ambas fugiam à praxe e pouco depois resolveram partilhar um apartamento próximo do Penedo da Saudade. Riam-se frequentemente do facto de Amália ter tantas saudades e de Madalena não ter nenhuma. O que a Amália parecia difícil — a falta dos abraços do pai, a ausência dos lanches com a mãe, a perda do quotidiano do irmão — não existira para Madalena, porque a única vantagem daquilo que nunca se teve é a impossibilidade de se sofrer com a sua falta. Ou melhor, se se

sente a sua falta, é uma falta teórica, quando muito a falta de uma abstracção ou de um sonho.

Madalena não sentia falta de nada nem de ninguém, lidava bem com o silêncio, a austeridade e a frequente frieza dos seus professores soava-lhe a conforto por comparação com os castigos impostos pela professora de piano que tivera em casa, todos os finais de tarde de todas as segundas, quartas e sextas.

Sem que nem ela se apercebesse disso, foi-se tornando cada vez mais parecida com a mulher que a mãe tinha querido que ela fosse. Silenciosa, elegante, discreta, controlada, com os cabelos castanhos cada vez mais lisos na cabeça cada vez mais erguida e com as costas altas cada vez mais direitas. Nem bonita nem feia (ainda que porventura mais bonita do que feia), nem boa aluna nem má (ainda que seguramente mais próxima dos bons alunos do que dos maus), nem simpática nem antipática (ainda que sempre mais simpática do que antipática). Passou pela licenciatura sem história, como faca em manteiga mole, e inscreveu-se logo no mestrado, não porque tivesse uma ideia exacta sobre o que pretendia do futuro, mas precisamente porque a não tinha. Apenas sabia que, tal como o pai, gostava de livros e conseguia fugir, por entre as suas páginas, das contrariedades da vida. Gostava da paz das grandes bibliotecas, da ausência de ruídos, da luz difusa e baixa dos candeeiros iguais geometricamente espalhados sobre as mesas de madeira escura.

Sucede porém que, como toda a gente sabe ou devia saber, o facto de não termos ainda ideia daquilo que queremos da vida não significa que a vida se não antecipe, rasgando-nos os caminhos que seremos levados a trilhar mesmo sem antes termos decidido que os queríamos percorrer. Foi o que sucedeu a Madalena, ainda que porventura com mais brilho e mais estrondo do que em muitos outros casos.

Era objectivo da sua dissertação de mestrado que fizesse uma pesquisa detalhada sobre uma colecção de livros antigos guardada numa biblioteca privada, não demasiado extensa mas recheada de

obras relativamente raras, localizada no coração de um antigo solar no Douro vinhateiro. Pediu autorização para a visita e logo que lhe foi possível partiu.

Chegou num dia de nevoeiro, vagamente enjoada depois das curvas do caminho, o cinzento a dividir o mundo a meio com o verde brilhante da vinha, o ar puro e frio, o brilho do rio a refulgir no fundo dos socalcos. O caseiro que lhe abriu a porta, sisudo mas educado, disse-lhe que o dono da casa — e da biblioteca, pois claro — tinha vindo do Porto nesse dia para despachar alguns assuntos e fazer alguns pagamentos. Ficou contrariada — estava com pouca vontade de cumprir com as formalidades devidas —, mas não deixou que se notasse e dispôs-se aos cumprimentos e agradecimentos impostos pelos bons costumes. Não sabia ainda que estava nesse momento a um passo de se tornar a heroína — ou a vilã, na perspectiva que viria a tornar-se mais comum — da sua própria história. Se soubesse, talvez tivesse hesitado. Mas não sabia. Por isso, bateu à porta e entrou.

Ricardo e Madalena reconheceram-se ao primeiro olhar — não sabemos se se apaixonaram ao primeiro olhar, mas quem acredita que tal pode acontecer acharia seguramente que foi o que sucedeu — sem que os mais de quarenta anos e os sessenta quilos que os separavam tivessem a mais pálida importância. A única medida em que coincidiam era nos mesmos centímetros que ambos mediam. Madalena era uma mulher jovem, magra e alta; Ricardo era um homem que já dobrara há muito o cabo da meia-idade, pesado e de estatura média. Tinham porém em comum a solidão do passado, que para ambos acabou nesse momento. O sexagenário esqueceu-se do excesso de peso e das preocupações, esqueceu-se de que era o líder de um clã e que tinha toda a liberdade que o dinheiro podia comprar (e isso incluía o pequeno avião privado que tanto o levava ao Mónaco para fumar um charuto no Baile da Rosa como à Feira de Frankfurt para tratar da exportação dos vinhos da família), mas também todas as limitações inerentes ao encargo de velar pelo bem-estar

daquela tribo ampla, de um conservadorismo com frequência hipócrita, exigente e egoísta.

Dessa tribo fazia parte a mulher com quem se casara há quarenta anos e por quem raramente sentira mais do que curtos lampejos de emoção. Uma mulher que, para o que a esta história interessa, nunca soubera que casamento tinha alguma coisa a ver com felicidade e que por isso em momento algum se sentira desapontada ou esperara mais do marido do que o cumprimento exacto, rigoroso, dos deveres que a sociedade lhe impunha. E a verdade é que, entre esses, a fidelidade nunca assumira papel preponderante. Naturalmente, uma mulher para quem o divórcio não constituía sequer uma possibilidade, até porque a sua religiosidade estranhamente desapietada lho vedava sem tergiversações.

Mas esse foi assunto sobre o qual Madalena e Ricardo nunca precisaram sequer de verdadeiramente conversar. O dia passou a uma velocidade que ambos acharam excessiva. Só eram diferentes no acessório e no superficial, naquilo que não lhes importava, na espuma dos dias. Em tudo o resto os seus gostos eram tão semelhantes que só se recusaram sempre a usar a expressão «almas gémeas» porque a ambos parecia uma despropositada pieguice.

Na semana seguinte, Madalena deixou a casinha de Coimbra que ainda partilhava com Amália e mudou-se para um apartamento amplo numa rua com muitas árvores, numa aldeia pequena chamada Foz dentro da aldeia grande que o Porto já não é. O prédio era tão discreto que quem passava na rua não imaginava sequer que por trás do alto portão existiam relvados, porteiros fardados, terraços onde se sentia o ritmo das ondas e se vislumbrava o prateado escuro, só às vezes azul, daquele mar encostado ao rio.

Foram anos de felicidade tranquila e a Madalena nunca lhe ocorreu sequer que a sua história podia ser parecida com a da sua mãe, porque de facto não era. Quando Ricardo morreu, com a dignidade, a calma e a generosidade que nunca o abandonaram, Madalena fechou-se em casa durante semanas com os livros e as

fotografias de ambos, as recordações das viagens e a manta com que se cobriam no sofá grande.

Depois, escolheu viver. Meses mais tarde encontrou João, não se apaixonou por ele nem sentiu alguma vez com ele a emoção intensa que partilhara com Ricardo. Mas achou que seria o companheiro adequado para dar início à família que não tivera antes de Ricardo e que se não fizesse algo nunca viria a ter. Vivera com pouco afecto a primeira parte da sua vida e não estava disposta a viver assim o tempo que desejava longo que ainda lhe restava. Queria ouvir vozes de criança em casa, sons de passos pequeninos no soalho da entrada, risos altos na cozinha.

Quando Amália lhe telefonou estava a dar banho à filha mais nova e por isso não atendeu logo. Mas mal ouviu a voz da amiga sentiu ao primeiro tom a angústia e o medo. E não hesitou mais do que um segundo:

«Amanhã vou aí almoçar contigo. Reservas mesa no sítio do costume?»